

SÍNTESE DE NOTÍCIAS N° 0265/2025

EMBAIXADA DA REPÚBLICA DE ANGOLA NO REINO DA ARÁBIA SAUDITA
RIADE, 29/09/2025

'Segurança comum do Golfo sob ameaça', adverte o Príncipe Turki Al-Faisal



O Príncipe Turki Al-Faisal fala durante a Gala - Arab News.

O Príncipe Turki Al-Faisal, ex-embaixador saudita nos EUA e no Reino Unido, alertou ontem domingo que a segurança dos estados do Golfo está sob ameaça de um "estado pária" após o recente ataque israelense ao Qatar.

O Príncipe Turki descreveu a agressão de Israel em 9 de setembro, quando atacou líderes do Hamas no Qatar enquanto discutiam um acordo de cessar-fogo que encerraria a guerra israelense em Gaza, como "traiçoeira" e pediu que os estados do Golfo repensassem sua abordagem à segurança como resultado. Falando no Jantar de Gala do Decano dos Embaixadores marcando o jubileu de ouro do Arab News no Palácio Cultural no Bairro Diplomático de Riade, o Príncipe Turki disse: "A região do Golfo é testemunha hoje em dia de um ataque agressivamente traiçoeiro de Israel à soberania do Qatar. Este ataque é um lembrete para todos os países do Golfo de que sua segurança comum está ameaçada por um estado pária que não leva em consideração nenhuma lei ou regra que rege as relações internacionais. Ele acrescentou: "Este ataque é uma revelação para questionar a credibilidade e a confiabilidade das alianças quando as ameaças vêm de Israel. Isso exige que nossos Estados repensem a natureza das ameaças e reconstruam suas políticas estratégicas para salvaguardar sua segurança por todos os meios para enfrentar tais ameaças. Israel não deve ter carta branca."

Ao discursar no evento de ontem domingo, o Príncipe Turki relembrou o estabelecimento do Arab News, que ele ajudou a fundar em 1975, e parabenizou a equipe do jornal por seu 50º aniversário. Em seu discurso, ele também abordou o processo de paz israelense-palestino e o papel da comunidade internacional, particularmente dos EUA. "Acredito que nenhuma região do nosso mundo sentiu mais o impacto do estado de incerteza internacional do que a região do Médio Oriente", disse ele. "Quem é o culpado por essa situação contínua é uma questão em aberto. No entanto, enquanto os países e líderes da região têm uma responsabilidade, os EUA têm a maior parte dessa responsabilidade. "Vemos os EUA descendo do papel de mediador honesto para o papel de aliado leal de Israel. O flagrante padrão duplo praticado pelos EUA ao lidar com a ocupação israelense da Palestina e sua recente guerra genocida em Gaza e na Cisjordânia são claramente testemunhados não apenas pelos árabes, mas por todos os povos ao redor do mundo. "Para que o presidente (Donald) Trump seja o pacificador, como ele quer ser, ele deve corrigir os erros passados cometidos pelos EUA para a paz e a segurança de seus amigos e aliados."

O Príncipe Turki saudou o recente progresso feito em direcção à realização de uma solução de dois Estados, já que um esforço diplomático do Reino da Arábia Saudita e da França rendeu uma série de reconhecimentos do Estado palestino pelas potências ocidentais na Assembleia Geral da ONU na semana passada. E ele rebateu as acusações do governo israelense e seus apoiadores de que o reconhecimento é uma recompensa pelo Hamas e seus ataques de 7 de outubro. "Entre os muitos tropos enfrentados pelo Reino e pela França e todos os países que reconheceram a Palestina como um Estado está o facto de que isso é uma recompensa para o Hamas. Que afirmação enganosa e maligna negar ao povo palestino seu direito inalienável ao seu próprio Estado", disse ele. "É a ocupação colonial israelense da Palestina de 80 anos e a negação do direito do povo palestino à autodeterminação que recompensa o Hamas e outros grupos semelhantes. Sem a ocupação, não haverá resistência a ela." **Fonte-Arab News**.

Arab News homenageia fundadores e anuncia planos para 50 idiomas



Príncipe Turki Al-Faisal, ex-embaixador saudita nos EUA e no Reino Unido; Abdullah Al-Maghlouth, vice-ministro da comunicação social; Dya-Eddine Bamakhrama, embaixador do Djibouti no Reino da Arábia Saudita; Faisal J. Abbas, editor-chefe do Arab News; apresentar um troféu ao colunista do Arab News Talat Zaki Hafiz, que representou os irmãos Hafiz, os fundadores do Arab News, no jantar de gala do Decano dos Embaixadores que marcou ontem domingo o jubileu de ouro do Arab News, em Riade.

Os irmãos fundadores do Arab News, Mohammad e o falecido Hisham Ali Hafez, foram homenageados em uma gala realizada pelo Decano do Corpo Diplomático do Reino da Arábia Saudita marcando o Jubileu de Ouro do Arab News. Em comemoração ao aniversário histórico, um troféu foi entregue ao renomado economista e colunista Talaat

Hafiz por Sua Alteza Real o Príncipe Turki Al-Faisal, o Ministro Adjunto da Comunicação Social, Abdullah Al Maghlouth, o Decano do Corpo Diplomático Dya-Eddine Said Bamakhrama, o Embaixador do Djibuti e o actual Editor-Chefe do jornal, Faisal Abbas.

O Príncipe Turki lembrou a criação do jornal durante o Reinado de seu pai, o falecido Rei Faisal, que reconheceu a importância da ideia e aprovou antes de sua morte em 1975. Ele contou a história da criação do jornal, na qual ele mesmo, ao lado do falecido Sheikh Kamal Adham e dos irmãos Hafiz, trabalhou na época. "Tem sido, nos últimos cinquenta anos, a voz moderada e a imagem brilhante do Reino da Arábia Saudita na língua inglesa. Esta longa marcha deste jornal não foi possível sem a dedicação de todos os indivíduos que trabalham para torná-lo uma história de sucesso", acrescentou.

Durante a noite, Abbas anunciou um grande desenvolvimento de que o jornal - que foi estabelecido em 1975 como o primeiro jornal saudita publicado em inglês - estará disponível em 50 idiomas em cooperação com a empresa líder em tecnologia de fala e tradução orientada por IA CAMB. IA. "Isso significa que nossas notícias, opiniões e análises estarão disponíveis para mais de 6,5 bilhões de pessoas, ou oitenta por cento da população mundial", disse Abbas. "Fique atento ao anúncio oficial no Congresso Mundial de Imprensa do FIPP em Madrid, onde o Arab News terá uma sessão especial marcando seu aniversário em 22 de outubro", acrescentou ele ao agradecer à gerência sênior do grupo proprietário SRMG, aos editores-chefes anteriores do Arab News e aos actuais membros da equipe por suas excelentes contribuições para levar o Arab News até onde está hoje.

CAMB. A IA, liderada por Avneesh Prakesh, marca outra história de sucesso regional que se tornou global, com sua mais recente presença na renomada conferência da IBM em 2025 ganhando força. De sua parte, Abbas elogiou a parceria como "aquela que fará a voz de uma região em mudança, a voz de todos para suas regiões em mudança", agradecendo ao apoio da SRMG - empresa-mãe do Arab News - e sua liderança. "O Arab News investiu em notícias, informações e eventos em vários idiomas – não apenas para relatá-los, mas para transformá-los em uma poderosa ferramenta diplomática, criando assim uma sinergia única entre jornalismo e diplomacia pública. De facto, em nosso mundo digital em constante mudança, a imprensa e a diplomacia se tornaram inseparáveis", disse ele. "O jornalista astuto de hoje entende que a diplomacia não é mais domínio exclusivo dos embaixadores, tornou-se uma de suas ferramentas diárias, habilmente usada para criar uma narrativa de imprensa responsável e impactante com o objectivo de construir pontes e promover o entendimento mútuo entre as nações", acrescentou.

O embaixador Dya também agradeceu à Amsa Hospitality, Teeb Made e ao Cultural Palace por seu apoio em tornar a gala uma ocasião memorável. O evento contou com a presença de vários embaixadores notáveis do Reino da Arábia Saudita, bem como grandes personalidades do cenário da imprensa regional - incluindo a Princesa Lamia bint Majeed Al Saud, CEO do Rotana Media Group e o secretário-geral da AlWaleed Philanthropies, a vice-presidente da CNN e editora-chefe em árabe Caroline Faraj, o director de operações da SRMG Saleh Al Dowais, entre muitos outros, com o vice-editor do Arab News, Noor Nugali, como mestre de cerimônias da noite. Os convidados da noite também foram recebidos com uma apresentação especial de Sawsan Bahiti - o primeiro cantor de ópera do Reino da Arábia Saudita. **Fonte-Arab News**.

Reino da Arábia Saudita e Coreia do Sul aprofundam cooperação em inovação e PMEs



Uma reunião entre o ministro de Investimentos do Reino da Arábia Saudita, Khalid Al-Falih, e o ministro de PMEs e Startups da Coreia do Sul, Han Seong-suk, em Seul, concentrou-se na construção estratégica de ambientes empresariais e na orquestração de esforços para impulsionar o sucesso das PMEs.

Uma reunião entre o ministro de Investimentos do Reino da Arábia Saudita, Khalid Al-Falih, e o ministro de PMEs e Startups da Coreia do Sul, Han Seong-suk, em Seul, concentrou-se na construção estratégica de ambientes empresariais e na orquestração de esforços para impulsionar o sucesso das PMEs.

Al-Falih também participou em uma mesa redonda com empresas pioneiras no âmbito do Programa de PME e Empreendedorismo Saudita-Coreano, onde as empresas apresentaram inovações e exploraram perspectivas de expansão para o mercado saudita nos principais sectores emergentes.

"A reunião viu discussões sobre ecossistemas para empreendedorismo e coordenação de esforços para capacitar PMEs em sectores de alto potencial", disse Al-Falih em um post no X. Esse foco na colaboração entre PMEs e startups faz parte de uma parceria mais ampla e em rápida expansão entre as duas nações. A reunião dos ministros coincidiu com a quinta reunião ministerial do Comitê Visão 2030 saudita-coreano, liderado por Al-Falih. O comitê revisou o progresso das iniciativas conjuntas, que agora devem ser elevadas sob a supervisão do Conselho de Parceria Estratégica de alto nível, presidido pelo Príncipe herdeiro.

"Este Conselho de Parceria Estratégica oferece novas perspectivas em inteligência artificial, cidades inteligentes, cultura e inovação, ao mesmo tempo em que promove a diversificação", acrescentou Al-Falih em sua conta no X, convidando as empresas coreanas a investirem nas oportunidades da Visão Saudita 2030, incluindo a Expo 2030 e a Copa do Mundo de 2034.

A crescente parceria, que viu as licenças de investimento saltarem de 65 em 2016 para 213 hoje, é construída sobre uma base de colaborações estratégicas em diversos campos. Acordos recentes abriram caminho a esta cooperação reforçada. No início deste ano, a Agência Espacial Saudita e a Administração Aeroespacial Coreana assinaram um memorando de entendimento para colaborar em tecnologias do espaço profundo, programas de voos tripulados e lançamentos de satélites. **Fonte-Arab News**.

Secretário-geral da Organização do Crescente Vermelho Árabe e da Cruz Vermelha recebe chefe da Organização de Turismo Árabe



Bandar bin Fahd Al-Fuhaid (L) Abdullah bin Suhail Al-Muhaidli em Riade.

O secretário-geral do Crescente Vermelho Árabe e da Organização da Cruz Vermelha, Abdullah bin Suhail Al-Muhaidli, recebeu o presidente da Organização Árabe de Turismo, Bandar bin Fahd Al-Fuhaid, em Riade. Durante a recepção, eles discutiram aspectos da cooperação, informou a Agência de Imprensa Saudita. O acordo de cooperação assinado entre os dois lados inclui a promoção do alívio sustentável e do turismo, a promoção da economia digital, o desenvolvimento de iniciativas conjuntas e o aumento da segurança das instalações turísticas. **Fonte-Arab News**.

SAMA aprova 'ID de visitante' para abertura de conta bancária



A mudança é um passo estratégico sob a Visão Saudita 2030, voltada directamente para impulsionar o sector de turismo e criar uma experiência perfeita e digitalmente habilitada para os milhões de turistas, viajantes de negócios e peregrinos que visitam o Reino anualmente.

O Banco Central do Reino da Arábia Saudita anunciou uma actualização significativa de seus regulamentos bancários, agora permitindo o uso do "ID do visitante" como um documento válido para a abertura de contas bancárias no Reino. O "ID do visitante", um documento de identificação oficial emitido pelo Ministério do Interior para visitantes, pode ser autenticado por meio de plataformas digitais autorizadas. A mudança é um passo estratégico sob a Visão Saudita 2030, voltada directamente para impulsionar o sector de turismo e criar uma experiência perfeita e digitalmente habilitada para os milhões de turistas, viajantes de negócios e peregrinos que visitam o Reino anualmente. "Esta decisão permitirá que os bancos abram contas para novos segmentos de consumidores e melhorem a experiência do visitante durante sua estadia no Reino", disse a SAMA em um comunicado. O comunicado esclareceu que esta actualização regulatória decorre de um processo de revisão periódica, garantindo que as

políticas acompanhem os desenvolvimentos do mercado. Espera-se que a mudança simplifique os procedimentos de abertura de contas, promova a inclusão financeira e apoie ainda mais a transformação digital contínua dos serviços bancários do Reino da Arábia Saudita. Esta decisão efectivamente preenche uma grande lacuna para os visitantes. Agora, com uma conta bancária vinculada ao seu ID de visitante - que é emitido por meio da plataforma "Absher" do governo - eles podem usar carteiras móveis locais e fazer pagamentos digitais com facilidade, reduzindo sua dependência de dinheiro. **Fonte-Arab News**.

Presidente dos Emirados Árabes Unidos chega ao Egipto para visita



Os dois líderes também se reuniram na cidade de New Alamein, no Egipto, no final do mês passado.

O presidente dos Emirados Árabes Unidos, Sheikh Mohamed bin Zayed Al-Nahyan, chegou hoje segunda-feira Egipto para uma visita. O Sheikh Mohamed e sua delegação foram recebidos pelo presidente do Egipto, Abdel Fattah El-Sisi, em sua chegada ao Aeroporto Internacional do Cairo. Os dois líderes discutiram os laços fraternos de longa data entre suas nações e seu compromisso compartilhado de aprimorá-los. O governante dos Emirados Árabes Unidos está acompanhado pelo Sheikh Hamdan bin Mohamed bin Zayed Al-Nahyan, Vice-presidente do Tribunal Presidencial para Assuntos Especiais, pelo Sheeikh Mohammed bin Hamad bin Tahnoun Al-Nahyan, Conselheiro do presidente dos Emirados Árabes Unidos, ao lado de vários ministros e altos funcionários. **Fonte-Arab News**.

Autoridades eleitas dos EUA criticam silêncio político sobre Gaza



Gilbert Gilchrist II, vice-governador de Michigan, na convenção do Comitê Antidiscriminação Árabe-Americano.

Duas autoridades americanas eleitas criticaram no passado sábado o silêncio político nos Estados Unidos em relação ao genocídio de Israel em Gaza, apesar da crescente raiva pública. O congressista da Califórnia Ro Khanna e Garlin Gilchrist II, vice-

governador de Michigan, discursaram na convenção do Comitê Antidiscriminação Árabe-Americano em Dearborn.

Khanna disse que mais e mais de seus colegas democratas, e até mesmo republicanos, romperam com sua postura tradicional de apoiar Israel. Ele perguntou: "Como você pode ser um democrata no Congresso e não acreditar que é hora de os EUA reconhecerem as aspirações palestinas" quando o governo de Israel está "apagando a identidade palestina" e considerando anexar a Cisjordânia? Criticou republicanos e democratas por fecharem os olhos em troca de milhões em doações de campanha pró-Israel. "Você tem quatro dos cinco membros permanentes do Conselho de Segurança (da ONU), mais de 150 países pedindo o reconhecimento de um Estado palestino e, de alguma forma, os EUA não estão", disse ele. "E eles estão dizendo que eu não tenho clareza moral. Eles são cegos. Eles estão nos colocando do lado do pária na opinião mundial", acrescentou.

Gilchrist disse que não tem medo de chamar a brutalidade de Israel em Gaza do que é. "O governo de Netanyahu está cometendo um genocídio. Isso não é uma questão de opinião. É uma questão de facto. Isso foi estabelecido pelos líderes globais que estudam o genocídio", acrescentou. "Isso não é algo que devemos apoiar. Os dólares dos contribuintes americanos não devem financiar ... armas de guerra enquanto as crianças estão morrendo de fome", disse Gilchrist para uma ovação de pé. "Nossos recursos médicos estão sendo bloqueados para civis, enquanto muitas famílias inocentes estão sendo oprimidas ... Os candidatos não devem aceitar dinheiro daqueles que apoiam o genocídio. É por isso que, como candidato a governador de Michigan, não aceitarei dinheiro do AIPAC (Comitê de Assuntos Públicos Americano-Israelense). "Eu respeito todas as pessoas, sua dignidade humana, o direito dado por Deus a todos de estarem seguros, o direito a um futuro não interrompido pela violência, fome ou guerra, o direito a um tecto sobre sua cabeça, roupas nas costas e comida em sua barriga. "Vejo um futuro em que esses direitos sejam protegidos e garantidos em Michigan e em todo o mundo." Reconhecendo que muitos parentes de vítimas em Gaza vivem na região da Grande Detroit, ele observou: "Veja, em Michigan, muitas pessoas estão feridas". **Fonte-Arab News**.

Regresso de sanções ocidentais. Irão promete resposta "firme e apropriada"



Ministro iraniano dos Negócios Estrangeiros, Abbas Araqchi.

Teerão aconselhou os países a não aplicarem as sanções devido às suspeições sobre o seu programa nuclear, que voltaram a ser impostas, após o fracasso das negociações

sobre o programa nuclear de Teerão com os países ocidentais. "A República Islâmica do Irão defenderá resolutamente os seus direitos e interesses nacionais, e **qualquer acção que vise prejudicar os interesses e direitos do seu povo será respondida com firmeza e apropriada**", afirmou o Ministério dos Negócios Estrangeiros iraniano, em comunicado publicado ontem domingo. "A reativação das resoluções revogadas é legalmente infundada e injustificável (...) **todos os países devem abster-se de reconhecer esta situação ilegal**", referiu ainda a diplomacia iraniana. As sanções regressaram no passado sábado após o chumbo de um adiamento de seis meses, pelo Conselho de Segurança das Nações Unidas. Foram restabelecidos após 10 anos de suspensão, na sequência de acusações ao Irão de que não coopera com a AIEA e não cumpre os compromissos de limitação do programa nuclear previstos no acordo alcançado em 2015. Os Estados Unidos e o chamado E3, grupo que inclui França, Alemanha e Reino Unido - os três estados europeus que têm estado a negociar com Teerão o regresso das inspeções pela Agência Internacional da Energia Atómica (AIEA) - sublinharam que **o regresso das sanções não fecha a porta à continuação das negociações.** O secretário de Estado norte-americano, Marco Rubio, aconselhou Teerão a aceitar "discussões directas, de boa-fé", ao mesmo tempo que pediu a todos os Estados para aplicarem "imediatamente as sanções para exercer pressão" sobre o Irão. Os ministros dos Negócios Estrangeiros britânico, francês e alemão garantiram, num comunicado conjunto, que continuarão a procurar "uma nova solução diplomática que garanta que o Irão nunca se dote de armas nucleares", apelando a Teerão "para que se abstenha de qualquer acção que implique uma escalada" do conflito.

A presidente do Conselho Nacional da Resistência Iraniana (CNRI), a oposição a Teerão no exílio, Maryam Rajavi, defendeu a aplicação das sanções. As sanções "devem ser aplicadas sem indulgência nem concessões, e todas as formas de contorná-las devem ser bloqueadas", afirmou Rajavi num comunicado a partir do seu exílio em Paris, citado pela agência EFE. Essas sanções "são essenciais para impedir que a ditadura religiosa adquira uma bomba nuclear e devem ser aplicadas com firmeza", insistiu a líder do NCRI, impulsionadora do "Plano de Dez Pontos para o Futuro do Irão", que apresentou numa sessão do Conselho da Europa em 2006 e que continua a ser o roteiro do movimento para uma transição no país. **Fonte-RTP**.

Irão convoca embaixadores em França, Alemanha e Reino Unido, para consultas



O presidente iraniano Masoud Pezeshkian discursa antes de partir para Nova York a 23 de setembro de 2025

O Irão mandou regressar os seus embaixadores em França, na Alemanha e no Reino Unido, na sequência do anúncio, pelos três países europeus, de que iam repor sanções a Teerão pelo seu programa nuclear. Os três Estados europeus - o designado grupo E3 -

tinham avançado com aquilo a que os diplomatas chamam sanções `snapback` contra o Irão, por não cooperar com a Agência Internacional de Energia Atómica (AIEA) e não cumprir os compromissos de limitação do programa nuclear previstos no acordo alcançado em 2015. O acordo, que limitava o programa iraniano, foi abandonado pelos Estados Unidos em 2018, sendo que o Irão acusa o E3 de não cumprir a sua parte do acordo.

A decisão do Irão foi noticiada pela agência de notícias estatal iraniana IRNA, na qual é adiantado que os embaixadores foram chamados para consultas. A medida irá congelar novamente os activos iranianos no estrangeiro, interromper os negócios de armas com Teerão e penalizar qualquer desenvolvimento do programa de mísseis balísticos do Irão, entre outras medidas. As resoluções da ONU visam conter o enriquecimento de urânio e o programa de mísseis iraniano e autorizar inspecções de aviões e navios da República Islâmica, bem como o congelamento de activos económicos iranianos em todo o mundo e proibições de viagens a indivíduos e entidades.

Teerão defende que estas sanções da ONU deveriam ser "focadas na não-proliferação nuclear e militar" e não na economia. Na intervenção feita na passada sexta-feira no debate geral da Assembleia Geral das Nações Unidas, o Presidente iraniano, Masoud Pezeshkian, reiterou que Teerão "nunca procurou nem procurará" obter armas nucleares, rejeitando as acusações ocidentais nesse sentido.

Também o ministro dos Negócios Estrangeiros do Irão disse na passada sexta-feira, no Conselho de Segurança da ONU, que a reimposição de sanções internacionais é "legalmente nula e sem efeito". "A posição do Irão em relação ao E3, que desencadearam o processo de reimposição de sanções, é clara e consistente: esta é legalmente nula e sem efeito e politicamente perigosa", afirmou Abbas Araghchi. Entretanto, e segundo a agência de notícias internacional Associated Press, os activistas iranianos temem uma crescente onda de repressão dentro da República Islâmica, que já terá executado mais pessoas este ano do que nas últimas três décadas. As preocupações passam ainda pela possibilidade de novos combates entre o Irão e Israel --- bem como, potencialmente, com os Estados Unidos ---, uma vez que os locais de lançamento de mísseis atingidos durante a guerra de 12 dias em junho parecem estar a ser reconstruídos.

Israel e os Estados Unidos bombardearam em junho as instalações nucleares iranianas, visando atrasar o enriquecimento por Teerão de urânio com teor suficiente para produção de armas nucleares. A campanha de bombardeamentos teve o seu ponto alto a 22 de junho, quando a Força Aérea e a Marinha norte-americanas atacaram as três mais importantes instalações nucleares iranianas: as centrais de enriquecimento de combustível de Fordow e Natanz e o Centro de Tecnologia Nuclear de Isfahan. O resultado do ataque não é consensual, com os governos norte-americano e israelita a reivindicarem uma destruição do programa nuclear iraniano, e outras fontes a darem conta de apenas um atraso ligeiro, de alguns meses, até Teerão dispor de urânio para bombas atómicas. O Irão já está sujeito a inúmeras sanções dos EUA que limitam a capacidade do país persa de negociar com outros países e, especialmente, vender petróleo, gás e derivados. Apesar disso, a República Islâmica produz 4,8 milhões de barris por dia de petróleo bruto e gás natural e exporta 2,6 milhões de barris por dia, principalmente para a China, de acordo com um relatório de junho da Agência Internacional de Energia. **Fonte-RTP**.

Governo Talibã do Afeganistão liberta cidadão americano



O cidadão americano Amir Amiri, à esquerda, posa ao lado de uma mulher não identificada, a bordo de um avião em Cabul, Afeganistão, ontem domingo, 28 de setembro de 2025, após ser libertado de uma prisão afegã.

O Governo Talibã do Afeganistão libertou ontem domingo um cidadão norte-americano, uma semana depois de libertar um casal britânico de idosos. Em um comunicado, o ministério identificou o detido como Amir Amiri e disse que ele foi entregue a Adam Boehler, enviado especial de Washington sobre reféns.

Boehler fez uma rara visita a Cabul no início deste mês para discutir a possibilidade de uma troca de prisioneiros com o Governo Talibã do Afeganistão. "O Emirado Islâmico do Afeganistão libertou um cidadão americano chamado Amir Amiri da prisão hoje", disse o Ministério das Relações Exteriores na plataforma digital X, usando o nome oficial do Governo. "O Governo Afegão não vê as questões dos cidadãos de um ângulo político e deixa claro que maneiras podem ser encontradas para resolver os problemas por meio da diplomacia." Pouco se sabe sobre o caso de Amiri, pois não foi amplamente divulgado. Um funcionário com conhecimento da libertação disse que Amiri, que tem 36 anos, "estava detido no Afeganistão desde dezembro de 2024". O funcionário acrescentou que Amiri faria uma breve paragem em Doha, no Qatar, para exames médicos antes de continuar a viagem para os Estados Unidos. **Fonte-Reuters.**

"Não há sítios seguros". Novos ataques israelitas fazem dezenas de mortos em Gaza



Pelo menos 23 pessoas foram mortas desde a madrugada desta segunda-feira na Faixa de Gaza, 21 das quais na Cidade de Gaza, de acordo com fontes médicas da *Al Jazeera*. Os novos ataques israelitas aconteceram horas antes do Primeiro-ministro israelita estar reunido com o presidente dos Estados Unidos na Casa Branca. Segundo a agência Wafa, um dos ataques, que vitimou uma pessoa e feriu outras nove, **ocorreu no campo de deslocados de Nuseirat**, frequentemente alvo de ataques israelitas. Dezasseis das vítimas morreram num ataque noturno na rua Nassr, na Cidade de Gaza, enquanto pelo menos uma morte ocorreu quando um homem esperava por ajuda humanitária em Rafah. Com a ofensiva a alastrar-se, os palestinianos têm cada vez mais dificuldade em

encontrar locais de refúgio. **"Não há vida aqui. Não conseguimos encontrar sítios seguros. Procurei por toda a área sul e não encontrei nenhum"**, lamentou um habitante à Al Jazeera. Para além das mortes, os palestinianos estão também a ser alvo de detenções nos territórios ocupados. Na última madrugada, as forças israelitas prenderam 15 pessoas de várias cidades na Cisjordânia, incluindo um rapaz de 14 anos.

Entretanto, o presidente norte-americano, Donald Trump, recebe esta segunda-feira na Casa Branca o primeiro-ministro Benjamin Netanyahu. O encontro acontece dias depois de o republicano ter prometido um acordo sobre Gaza para breve. **"Temos uma oportunidade real de conseguir algo grandioso no Médio Oriente. Toda a gente está pronta para algo especial, uma estreia. Vamos fazer com que isso aconteça"**, escreveu Trump, ontem domingo na sua rede Truth Social. Este será o quarto encontro entre Trump e Netanyahu desde a tomada de posse do republicano, a 20 de janeiro deste ano. É esperada uma conferência de imprensa pelas 18h15 (hora de Lisboa).

O presidente de Israel, Isaac Herzog, descreveu a proposta de Donald Trump para acabar com a ofensiva em Gaza como **um "plano revolucionário e importante"**, congratulando-se com a cláusula segundo a qual o Hamas deixaria de controlar o enclave. "**Hoje vai realizar-se uma reunião decisiva e histórica.** Rezo e espero que a reunião tenha um resultado positivo e que seja criado um plano para o regresso de todos os reféns, o fim da guerra e uma mudança na realidade", declarou Herzog em entrevista à estação pública israelita. **Fonte-RTP.**

O plano de paz de 21 pontos de Trump funcionará?



DR. ABDEL AZIZ ALUWAISHEG

29 de setembro de 2025



O presidente Trump se reunindo com líderes de países de maioria muçulmana à margem da AGNU80 em 23 de setembro de 2025.

O presidente dos EUA, Donald Trump, se reuniu na passada terça-feira com líderes e representantes de várias nações árabes e muçulmanas, incluindo Egipto, Indonésia, Jordânia, Paquistão, Qatar, Reino da Arábia Saudita, Turquia e Emirados Árabes Unidos. Na reunião, que aconteceu em Nova York à margem da Assembleia Geral da

ONU, Trump apresentou sua visão para acabar com a guerra em Gaza. Embora os EUA ainda não tenham publicado formalmente essa visão, alguns de seus elementos são conhecidos.

A reunião da passada terça-feira foi um dos principais eventos durante a semana de "debate de alto nível" da ONU, quando o órgão mundial comemorou 80 anos de diplomacia internacional desde sua fundação em 1945. Embora Trump tenha destruído a ONU em seu discurso de uma hora naquele dia, muitos líderes e diplomatas elogiaram seu plano como visionário e corajoso.

Pela primeira vez desde a posse de Trump em janeiro, o governo parece ter um plano sério para acabar com a guerra. Durante meses, o governo dos EUA foi acusado de cumplicidade na guerra genocida de Benjamin Netanyahu. Também foi ridicularizado por sugerir que Gaza fosse transformada em uma riviera mediterrânea com hotéis de luxo e praias arenosas para turistas de todo o mundo, enquanto seus habitantes palestinos desapareceriam de alguma forma.

De acordo com o enviado especial Steve Witkoff, Trump apresentou a seus convidados um "plano de 21 pontos para a paz no Médio Oriente", acrescentando que o plano "aborda as preocupações israelenses, bem como as preocupações de todos os vizinhos da região e estamos esperançosos, e eu poderia dizer até confiantes, que nos próximos dias seremos capazes de anunciar algum tipo de avanço".

O plano inclui alguns pontos que o governo fez publicamente, incluindo a libertação de reféns e um cessar-fogo permanente. O plano também estipula que Israel se retirará gradualmente de Gaza e que o Hamas não terá nenhum papel no governo da Faixa após a retirada israelense.

A nova proposta de Trump foi apresentada um dia depois que o Reino da Arábia Saudita e a França sediaram uma conferência bem-sucedida de solução de dois Estados, apresentando um consenso global em oposição à guerra e em apoio à solução de dois Estados - ou seja, o reconhecimento de um Estado palestino independente e viável. Os EUA boicotaram a conferência, procuraram miná-la e desencorajaram os países de participar ou reconhecer a Palestina, mas a onda política de apoio à Palestina e em oposição à guerra isolou os EUA na ONU.

Internamente, a maré também está se voltando contra a política regional do governo de apoio cego a Israel. Em uma pesquisa da Quinnipiac publicada no mês passado, 60% dos eleitores dos EUA se opuseram ao envio de ajuda militar a Israel. A oposição entre os democratas registrados foi ainda maior, com 75%. A pesquisa mostrou números recordes de apoio aos palestinos e recordes de apoio a Israel. Cinquenta por cento dos eleitores concordaram que Israel está cometendo genocídio; a porcentagem foi maior entre os democratas (77%).

Esses factores internacionais e domésticos provavelmente desempenharam um papel no avanço desse plano por Washington, além da ambição declarada de Trump de acabar com as guerras.

Diferentes versões do plano de 21 pontos foram publicadas e Trump e outras autoridades dos EUA confirmaram alguns elementos. O plano vê Gaza "desradicalizada

e livre de terror", ou seja, sem o Hamas. Ele será reconstruído para o benefício dos habitantes de Gaza, não às suas custas. A guerra terminaria assim que as partes aceitassem o plano. Dentro de 48 horas após Israel aceitar o acordo, todos os reféns vivos e falecidos seriam devolvidos, bem como centenas de prisioneiros e detidos palestinos. O Hamas seria desarmado e seus membros autorizados a deixar a Faixa.

Haveria uma onda de ajuda em Gaza, em escala e sem obstáculos, seguida pela reabilitação de infraestrutura crítica e a entrada de equipamentos para remoção de escombros. A ajuda seria distribuída pela ONU e pelo Crescente Vermelho, juntamente com outras organizações internacionais não associadas a Israel ou ao Hamas.

Também sob o plano, Gaza seria governada por um governo temporário de transição de tecnocratas palestinos que seriam responsáveis por fornecer serviços do dia-a-dia. Seria supervisionado por um novo órgão internacional estabelecido pelos EUA em consulta com parceiros árabes e europeus. Estabeleceria uma estrutura para financiar o redesenvolvimento de Gaza até que a Autoridade Palestina concluísse seu programa de reforma. Assim, depois de semanas denegrindo a Autoridade Palestina, os EUA parecem ter se curvado ao apoio global quase unânime à reunificação da Cisjordânia e Gaza sob uma única administração reformada.

Como parte da nova visão, um plano econômico seria criado para reconstruir Gaza, incluindo uma zona econômica livre com tarifas reduzidas.

Ao contrário dos apelos anteriores para que os moradores de Gaza saíssem, ninguém seria forçado a deixar a Faixa sob o novo plano e aqueles que optassem por sair teriam permissão para retornar. Os habitantes de Gaza seriam encorajados a permanecer e teriam a oportunidade de construir um futuro melhor lá.

Uma parte importante do plano é que o Hamas não teria nenhum papel na governança de Gaza. Haveria um compromisso de destruir e parar de construir qualquer infraestrutura militar ofensiva, incluindo túneis. Os novos líderes de Gaza se comprometeriam com a coexistência pacífica com seus vizinhos e uma garantia de segurança seria fornecida para garantir isso.

Os EUA trabalhariam com parceiros árabes e outros parceiros internacionais para desenvolver uma força internacional temporária de estabilização que seria imediatamente implantada em Gaza para supervisionar a segurança na Faixa. A força internacional desenvolveria e treinaria uma força policial palestina.

De acordo com o plano, Israel não ocuparia ou anexaria Gaza e as forças israelenses entregariam gradualmente o território que ocupa actualmente, à medida que as forças de segurança substitutas estabelecessem o controle e a estabilidade na Faixa.

Quando o redesenvolvimento de Gaza avançar e o programa de reforma da Autoridade Palestina for implementado, as condições poderão estar reunidas para um caminho confiável para o Estado palestino, que é reconhecido como a aspiração do povo palestino. Os EUA estabeleceriam um diálogo entre Israel e os palestinos para chegar a um acordo sobre um horizonte político para a coexistência pacífica. Um processo de desradicalização de ambos os países faz parte do plano.

O plano ambicioso parece emprestar muito do plano adoptado pela cúpula árabe de emergência no Cairo em março e do plano preparado pelo ex-primeiro-ministro do Reino Unido Tony Blair com contribuições de Witkoff e Jared Kushner, genro de Trump.

O governo insiste que o plano apresentado na passada terça-feira é um trabalho em andamento, que será ajustado após discussões com parceiros dos EUA. À luz das preocupações expressas na reunião, o governo acrescentou uma determinação dos EUA de impedir a anexação da Cisjordânia. Haverá outras demandas para tornar o plano aceitável para os palestinos, incluindo cronogramas claros, garantias de nenhuma mudança no status quo histórico e legal em Jerusalém e a interrupção da actividade de assentamentos.

O verdadeiro desafio é como fazer Israel aceitar o plano, apesar de seu governo turbulento. Trump deve se encontrar hoje segunda-feira com Netanyahu e muitos esperam uma forte reacção do primeiro-ministro israelense em alguns dos pontos-chave do plano. O governo precisa insistir em seu plano e pressionar Netanyahu a implementá-lo de boa fé e de acordo com o cronograma.

Dr. Abdel Aziz Aluwaisheg é o secretário-geral adjunto do GCC para os Assuntos políticos e negociação. A opinião expressa aqui é pessoal e não representa necessáriamente as do GCC. X: @abuhamad1

Isenção de responsabilidade: A opinião expressa pelo escritor nesta sessão é própria e não reflecte necessáriamente o ponto de vista do **Arab News.**

